

## Relatório X Enapol: Amor e exílio

Realizado por: Maria Cecília Galletti Ferretti e Maria Silvia Garcia Fernandez Hanna

Participaram dos encontros: Anna L. Almeida, Camila A. Drubsky, Daniel Levin, Daniela Affonso, Gustavo C. da Silva, James Moura, Licene Garcia, Maria de Lourdes Mattos, Mirmila Musse, Paula Legey, Renata Bondim, Rodrigo Abecassis, Rodrigo Pires, Rosângela Ribeiro, Waléria Paixão.

### 1. O amor e o exílio

O primeiro tema trabalhado por nós referiu-se, principalmente, à relação entre o amor e a não relação sexual. Poderíamos dizer que para Lacan o *falasser* é um exilado? Apartado de quê? O conhecido aforismo *não há relação sexual* aponta para o *falasser* apartado da relação sexual, no sentido da não existência da complementariedade. O *Seminário livro 20: mais ainda* é o grande seminário sobre tal aforismo. Na Lição X intitulada: “*Rodinhas de Barbante*”, Lacan referindo-se especificamente à solidão, afirma: “quem fala só tem a ver com a solidão, (...) essa solidão, ela, de ruptura do saber, não somente ela pode se escrever, mas ela é mesmo o que se escreve por excelência, pois ela é o que de uma ruptura do ser, deixa traço”<sup>1</sup>.

O exílio provoca solidão, mas que pode ser ou não contornada pelo amor. O *Seminário livro 20* termina com um elogio ao amor? Pois, para Lacan o amor ao parceiro precisa da coragem diante do destino fatal da não relação sexual. Seria coragem ou reconhecimento de signos percebidos no outro, percebidos enigmaticamente? Ou ambos? Isto porque “todo amor se suporta de uma certa relação entre dois saberes inconscientes”<sup>2</sup>.

Encontrar no parceiro, os signos que enigmaticamente apontam algo sobre seu saber inconsciente depende da contingência: perceber seus sintomas, seus afetos, que em cada um, carrega os traços do exílio: marcas da não relação sexual.

Se o amor nada tem a ver com a relação sexual, todo *falasser* é exilado dela e essa é a solidão por excelência. Serão, portanto, com as marcas e com os traços deixados por esse ponto de exílio que os encontros amorosos serão feitos contingencialmente.

---

<sup>1</sup> Lacan, J. *Le Séminaire, Livre 20: Encore*. Paris: Seuil, 1975. P.109.

<sup>2</sup> Idem. P.161.

Há importantes consequências destes pontos trazidos por Lacan em seu ensino.

**Há-Um** é a escrita que Lacan propõe para aquilo que não se escreve da relação entre dois, escrita por excelência da solidão, que resulta no gozo do Um. Para todo *falasser* há algo que não se inscreve de todo no inconsciente, ou seja, há algo que torna impossível escrever o Outro sexo e a relação sexual.

Como sabemos, a questão do corpo é de grande importância no último ensino de Lacan. Podemos dizer que ao exílio se vai com o corpo e com ele se volta. Sem corpo não é possível viver a ilusão do amor ou o drama do amor, trata-se de dar forma ao exílio de cada um diante da não relação sexual. Nas palavras de Ram Mandil: “o encontro amoroso, o amor, de uma maneira ou de outra, é aquilo que faz laço é aquilo que procura estabelecer uma relação (...)”<sup>3</sup>.

Para experimentar o amor que emerge sempre na contingência, em aquele instante que dá a ilusão de que a relação sexual para de não se escrever, ilusão de que algo se articula e se inscreve no destino de cada um, é preciso de coragem e de corpo<sup>4</sup>.

As discussões em nosso grupo no momento no qual abordávamos o corpo nos levaram ao tema da adolescência. Isto porque a passagem entre a infância e a idade adulta, as mudanças no real do corpo, deixam o adolescente “entre lugares”. Phillipe Lacadée nos convida a tomar a adolescência como um segundo exílio que se sobrepõe ao exílio estrutural: “há antes de tudo, o exílio fundamental do sujeito ligado ao fato de que ele deve situar-se como *falasser* na linguagem, (...). Depois, há o exílio na adolescência: devido ao real da puberdade, o sujeito é exilado de seu corpo de criança e das palavras de sua infância, sem poder dizer o que lhe acontece.”<sup>5</sup>

Através de um caso clínico<sup>6</sup> nos perguntamos o quanto o virtual serve ao exílio da adolescência, o exílio como estratégia, na medida em que se oferece como um espaço para alojá-lo.

Uma adolescente tomou muitos comprimidos e foi encontrada desacordada. Os pais, então, a levaram a um psiquiatra que a medicou com antidepressivos, indicando também

---

<sup>3</sup> Mandil, R. “Os exílios e seus cantos”. Em: *Impossível tirar o corpo fora*. Latusa n. 25. RJ:2020. P.155-160.

<sup>4</sup> Lacan, J. *Le Seminaire, Livre 20: Encore*. Paris: Seuil, 1975.

<sup>5</sup> Lacadée, P. *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. RJ: Contra Capa Livraria. 2011. P.75.

<sup>6</sup> Caso apresentado por Camila Drusbcky.

uma psicoterapia on-line. A jovem recusou-se a tomar os remédios e não gostou dos atendimentos on-line. Depois disso, sua mãe entrou em contato com a analista.

Na primeira entrevista, Júlia não valorizou o ocorrido, isto é, o fato de ter tomado os comprimidos em excesso, correndo o risco de um possível suicídio. Afirmou estar cansada de tudo, principalmente da escola na qual sofria *bullying*, o que a levou a mudar de escola na qual esta situação parece ter sido revertida.

Conta, então, que é pansexual levando um tempo a discorrer sobre estas nomeações atuais, como quem busca se localizar. Refere-se ao pai como uma pessoa dizendo que é extremamente conservador, encarnando tudo o que ela mais detesta. Com a mãe conversa um pouco mais, mas todas as vezes que entram nesses assuntos, ela lhe pede que pare de falar bobagens porque isso não existe, não havendo espaço diferente de aquilo que eles querem e esperam dela.

Júlia inventou outro nome para si e o usa nas redes sociais que frequenta. Diz não gostar do que vê no espelho: odeia seus peitos e, na maior parte do tempo, não se vê como mulher, mesmo com a insistência de sua mãe em levá-la ao salão para cuidar das unhas e cabelo.

Ela vem às sessões acompanhada pelo celular. Entra no consultório sem fazer contato visual com a analista, senta-se e segue utilizando o aparelho. Ela digita, canta, solta gargalhadas levando a analista a tentar diferentes manejos para dar lugar à palavra. À medida que os encontros prosseguiram foi possível perceber que o telefone iria fazer parte das sessões e, mais ainda, que ele tinha uma função de fazê-la tomar a palavra ali. Ela comenta sobre os seus laços, sendo eles quase todos virtuais, as séries, os jogos e os inúmeros personagens do universo japonês com os quais ela diz identificar-se. Ou seja, o que fura o silêncio de Júlia é a vida que ela leva no mundo virtual.

Em paralelo a isso, quando da reabertura das escolas na pandemia, a mãe liga para a analista dizendo que sua filha não tinha conseguido ficar na escola. Teve uma crise de angústia. Houve necessidade de que alguém fosse buscá-la. O pai se recusou a executar essa função revelando sua dificuldade em entrar em contato com os problemas da filha.

Sobre esse episódio Júlia também não se mostra disposta a falar, deixando saber que ela vive a presença de seus pares como invasiva e prefere seguir estudando em casa. Ela

conta, ainda, que os pais não a escutam, eles a tratam como uma boneca. Ela, então, encena esse personagem com seus pais e vive outra vida nas redes sociais.

Sem que entremos aqui em questões diagnósticas deste específico caso, podemos nos perguntar se o celular e a maneira através da qual utiliza as redes sociais seriam *gadgets*, *latusas*, tal como Lacan aborda esses objetos em *O Seminário: livro 17: o avesso da psicanálise*, ou se o uso que faz do campo virtual e as invenções que a partir daí são possíveis têm a função de estratégia para lidar com o quê, do campo do Outro é invasivo e perturbador.

## **2. Sobre o exílio e o amor no campo da psicose**

Este tema foi trabalhado no segundo tempo de nossos encontros. Seu ponto de partida foi a leitura de parágrafos das Lições IV e V do *seminário livro 23: o sinthoma* de Lacan, e de outros textos presentes na bibliografia, que foram articulados e interrogados a pelos fragmentos clínicos apresentados pelos participantes.

### **O exílio<sup>7</sup> como uma estratégia na psicose.**

Para Lacan o termo exílio é a melhor forma para expressar no *falasser* “a ausência de relação”; “isso que não para de não se escrever” e, que indica a modalidade do impossível.

Em torno desse impossível acontece a peça de teatro escrita por James Joyce<sup>8</sup> intitulada: *Exiles*<sup>9</sup>. Ela é considerada por Lacan, como uma aproximação de alguma coisa do que seria para ele, Joyce, o *sinthoma*. O *sinthoma*, nesse contexto é elaborado como uma forma singular e tangencial que responde em cada *falasser* à carência da relação sexual.

No caso de Joyce essa forma não se aproxima em nada do inconsciente, porque o símbolo é abolido.<sup>10</sup> O saber construído não é interpretável, em outras palavras, não pode ser lido analiticamente. É por essa razão que Lacan considera Joyce como “desabonado do inconsciente”, mas, inscrito em outros saberes que estão presentes em sua obra, entre eles: a literatura, a teologia, a filosofia.<sup>11</sup>

---

<sup>7</sup> O termo exílio, provém do latim *exsilium*, e deriva do verbo *exsilire*, que se compõe com o *salire* (pular) precedido pelo prefixo *ex* que significa ‘fora’. O exílio é o resultado de um pular-fora

<sup>8</sup> Lacan, J. *Seminário livro 23: o sinthoma*. RJ: Jorge Zahar Ed.2007.

<sup>9</sup> Joyce, J. *Exilados*. São Paulo: Iluminuras. 2003.

<sup>10</sup> Miller, J.-A “Peças Avulsas”. Em: *Opção Lacaniana n. 45*. Eólia. SP. 2006. P.9-30

<sup>11</sup> Idem.

Lacan diz que o *sinthoma* de Joyce enoda Nora, sua mulher. Como entender essa afirmação?

Ao ler a peça de teatro, percebemos que o personagem, outro homem qualquer escolhe uma mulher entre outras, assim como aconteceu na vida de Joyce. Mas essa mulher, simples, uma entre outras adquire para Joyce, um lugar monumental, tornando-se a pequena Irlanda de olhos estranhos<sup>12</sup>. Foi como um seixo na mão de Nora Barnacle, que Joyce escolheu viver no exílio para sempre.<sup>13</sup>

Ram Mandil indica que nesse caso o exílio pode ser concebido como uma estratégia de esvaziar o Outro, que cria um ponto de exterioridade em relação a ele. Ao lado do silêncio e da astúcia, o exílio seria uma maneira circunscrita que permite a Joyce escapar das redes da nacionalidade, da língua e da religião, retirando seu caráter invasivo<sup>14</sup>. Assim o exílio faz parte do *sinthoma* joyceano, mas ele não é sem Nora. Joyce passa sua vida perambulando pela Europa de mãos dadas com Nora.

Incluimos aqui quatro vinhetas clínicas; na primeira, N. faz uma passagem ao ato frente à insistência de sua esposa em dar uma determinada forma “a não relação sexual”. Nesse ato, ele se contamina com HIV. Tal acontecimento não engendra uma questão para esse sujeito, mas permite, que ele continue casado sem ter relações íntimas com sua mulher. O analista entende que ele produz a partir desse momento um exílio no campo da vida sexual<sup>15</sup>.

A vinheta clínica de J<sup>16</sup> possibilitou aprender como na pandemia; o confinamento recomendado é vivido por esse sujeito como um bálsamo que justifica que ele possa ficar em sua casa protegido de um Outro invasivo. Nesse sentido, o confinamento-exílio se transformou em uma estratégia para proteger-se da ameaça de ser absorvido pelo gozo do Outro.

O caso X<sup>17</sup> ensina sobre os usos de um artifício que também esvazia o Outro e permite estabelecer algumas relações. Em uma primeira internação psiquiátrica aos 11 anos esse sujeito encontra uma moça internada que lhe presenteia com um dicionário inglês-

---

<sup>12</sup> Medeiros S. e Waltrick do Amarante, D. *James Joyce. Cartas a Nora*. S.P: Iluminuras. 2012. P. 11

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Mandil, R. Os exílios e seus cantos. Em: *Impossível tirar o corpo fora*. Latusa n. 25. RJ. 2020. P.155-160.

<sup>15</sup> Caso Clínico apresentado por James Moura.

<sup>16</sup> Apresentada por Gustavo Corinto Da Silva.

<sup>17</sup> Caso Apresentado por Gustavo Corinto Da Silva.

português, dizendo-lhe que deve aprender inglês. Ele passa a ler o dicionário, a elaborar frases; criando uma língua, que atualmente, tenta compartilhar com seu analista. Nesse caso, X se exila em uma língua inventada a partir de um dicionário.

O caso Z<sup>18</sup>. ofereceu a oportunidade de discutir o delírio e seu lugar no tratamento. Trata-se de um sujeito imerso em um delírio que tem características de um exílio temporal: houve uma grande harmonia que foi perdida, causando seu sofrimento e sua doença, ele se incumbiu de ir preparando o caminho para restabelecer outra harmonia que acontecerá no futuro. O trabalho do delírio, em sua tentativa de restabelecer a ordem perdida, consome esse sujeito no presente, abrindo-lhe a perspectiva para uma solução, colocada em um futuro assintótico (modo schreberiano).

Cada caso ensinou sua maneira particular de utilizar o exílio como uma estratégia para tratar o exílio estrutural.

### **O amor na psicose<sup>19</sup>**

Assim ao longo dos encontros fomos constatando a necessidade de todo ser falante em fazer algo com o exílio estrutural. Nessa direção encontramos o amor, como um artifício possível, como uma suplência, que pode vir em auxílio para conformar uma relação sexual, sempre no singular.

O tema do amor foi objeto de inúmeras abordagens ao longo da história. Encontradas em primeiro lugar como o amor a Deus, no discurso religioso e filosófico, e seus desdobramentos; o amor a si mesmo e o amor ao próximo. O abade de Rousselot<sup>20</sup> organiza o tema do amor distinguindo o amor físico, forjado a partir do gozo do ser por São Tomás e o amor extático. O amor físico concebia o amor a Deus como algo que não contradizia o amor a si mesmo, já o amor extático questionou essa continuidade.

Lacan tomou essa referência no seminário livro 3: para abordar e interrogar o fracasso e a dificuldade de amar nos sujeitos psicóticos<sup>21</sup>. Freud afirmou que os psicóticos amavam seus delírios como a si mesmos<sup>22</sup>, estabelecendo uma espécie de solidariedade entre o amor a uma significação infável e o amor o si mesmo. É no delírio que se situa “o Eros

---

<sup>18</sup> Apresentado por Daniel Levin.

<sup>19</sup> Agradecemos a colaboração Maria de Lourdes de Mattos que destacou várias referências teóricas que compõem o desenvolvimento deste tema.

<sup>20</sup> Rousselot, P. (1908) *Pour l'Histoire du Problème de l'Amour au Moyen Age*. Paris: Vrin Reprise.1981.

<sup>21</sup> Lacan em uma de suas conferências pronunciadas em Yale diz que o fracasso na realização do amor na psicose foi um ponto de interesse para ele.

<sup>22</sup> Freud. *S. Obras Completas*. RJ: Imago Ed. 1969 e 2006.

do psicótico, é ali onde ele encontra seu supremo amor”, diz Lacan com suas palavras.<sup>23</sup> Esse supremo amor pode se transformar em fonte dos mais terríveis perigos (diferentes versões sobre morte do sujeito- do amor morto) e, a motivar a realização de atos desesperados para evitá-los. Sabemos que esse estado de coisas decorre da *forclusão do Nome-do-Pai*<sup>24</sup> que força o sujeito psicótico a inventar algo, que venha a servir de separador desse lugar mortífero, que implica em sua objetivação, isto é, em transformar-se em um puro objeto de gozo do Outro.

Em outras palavras, cabe a cada sujeito no campo da psicose realizar essa construção *sinthomática* para entrar/estar no terreno de amor sem correr tanto risco.

Vejamos que no caso de Joyce; ele se exila com Nora, formando com ela, uma relação bem esquisita, diz Lacan<sup>25</sup>, ao comentar in as cartas de amor enviadas por Joyce para Nora<sup>26</sup>. Cabe acrescentar aqui, que toda relação é esquisita, estranha, cada uma à sua maneira, porque carrega em si, uma marca indelével que indica que ela, a relação, não pode ser escrita, que ela não pode ser feita de forma total, ideal, sem incluir e deixar restos.

Encontramos nas cartas de Joyce alguns aspectos que dão pistas sobre o surgimento do amor, a configuração dessa relação e a presença da ameaça da morte do amor: “...nunca pude falar com as garotas que eu encontrava nas famílias. Seus modos hipócritas me continham imediatamente. Então você veio até mim. De certa maneira você não era a garota com que eu havia sonhado.... Mas então vi que a beleza de tua alma eclipsava aquela dos meus versos. Havia algo em você mais elevado do que tudo o que pus neles. Fui cruel contigo? ...Não matei o amor caloroso, impulsivo e vivificante da tua rica natureza. Benzinho, olhe agora para as profundezas do teu próprio coração e diga que vivendo ao meu lado, você não o sentiu envelhecer e endurecer<sup>27</sup>...Minha querida, te pedirei que seja paciente comigo. Tenho um ciúme absurdo do passado.<sup>28</sup> Deixe-me te amar, Nora. Não mate o meu amor.”<sup>29</sup>

---

<sup>23</sup> Lacan, J. *o seminário livro 3: as psicoses*. RJ: Jorge Zahar. 1988. Ed P.287.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Lacan, J. *o seminário, livro 23: o sinthoma*. RJ: Jorge Zahar Ed. 2007.P. 68.

<sup>26</sup> Idem. P.81

<sup>27</sup> Medeiros S. e Waltrick do Amarante, D. *James Joyce. Cartas a Nora*. SP: Iluminuras. SP.2012. P. 59.

<sup>28</sup> Idem. P.60.

<sup>29</sup> Idem. P.62.

O lugar de Nora, o lugar de Sabine no Caso Schreber<sup>30</sup> e de outras e outros tantos casos, mostram a importância desses endereçamentos amorosos, essenciais para a sustentação do sujeito.

O fato de que esse outro carregue um traço de desvalorização, tal como se percebe no caso de Joyce, -tratava-se de uma mulher *simples, com pouca formação escolar e provinha de uma família humilde*<sup>31</sup>- não parece ser contingencial, e sim talvez fundamental para que esse tipo de vínculo não produza a angústia do *Che voi*. Essa amarração do dizer de amor pode possibilitar em alguns casos uma estabilização duradoura<sup>32</sup>.

No caso Schreber, Sabine, sua esposa, não entrou como perseguidora, ela permaneceu a seu lado como sua companheira, cuidando dele durante sua internação e posteriormente. Podemos dizer que Sabine também estava enodada com a metáfora delirante produzida por D. P Schreber. Sabemos que pouco depois de seu falecimento Schreber<sup>33</sup> teve um outro surto, definitivo, do qual não conseguiu se recuperar até sua própria morte.

O caso Z, sobre o qual fizemos um apontamento anteriormente, diz de um sujeito que se encontra imerso em um trabalho delirante. Seu analista comenta: “Não é fácil ver amor em essa história, fora do delírio”, o que faz pensar que em alguns casos de psicose a parceria amorosa resulta difícil de acontecer.

Nesse sentido é importante considerar que quando o amor emerge no campo da psicose, o parceiro, seja homem ou mulher, pode servir junto do *sinthoma*, para fazer uma certa barreira contra à invasão do gozo do um Outro sem medidas, avassalador.<sup>34</sup> Isto é necessário examinar como se dá em cada caso.

Concluimos com alegria e agradecemos a todos os que fizeram possível este trabalho que foi construído a partir dos restos que ficaram dos encontros realizados.

---

<sup>30</sup> Freud, S. *Obras Completas*. RJ: Imago Ed.1969 e 2006.

<sup>31</sup> Medeiros S. e Waltrick do Amarante, D. *James Joyce. Cartas a Nora*. SP: Iluminuras. 2012.P.12

<sup>32</sup> Pequeno, A. Jimenez, S. “Uma contribuição para a dimensão da cura na psicose”. Em: *Opção Lacaniana n. 48*. SP: Eólia. 2007.P.91.

<sup>33</sup> Schreber, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*. SP: Paz e Terra.1995.

<sup>34</sup> Pequeno, A. Jimenez, S.” Uma contribuição para a dimensão da cura na psicose”. Em: *Opção Lacaniana n. 48*. SP: Eólia. 2007.P. 91.